

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME XLVI - 2007

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CARLOS ETCHEVARNE
Depto. Antropologia / FFCH / UFBA
etchvrn@ufba.br

PINTURAS RUPESTRES DA REGIÃO DE IRAQUARA
(CHAPADA DIAMANTINA, BAHIA).
“Conimbriga” XLVI (2007) p. 291-302

RESUMO: A região de Iraquara, na Chapada Diamantina, Bahia, está constituída por formações dolinares que proporcionam condições específicas de suporte rochoso para representações gráficas pintadas. A natureza do suporte e a intencional inserção deste como elemento composicional são evidentes no resultado final dos painéis de pinturas. Observa-se não apenas a localização dos grafismos em relação à topografia do sítio, mas também com referência à própria composição em estratos das paredes e tetos dos abrigos rochosos.

ABSTRACT: The Iraquara region in the Chapada Diamantina (Bahia, Brazil) is characterized by doline structures, which provide specific conditions for a rocky painting background. The features of the underground and its intentional use as an element within the composition of the paintings are evident in the finally resulting picture. It can be observed that the site's topography not only influences the graphic elements' locations but also their composition itself through the layers of the walls and roofs of the rock shelters

(Página deixada propositadamente em branco)

PINTURAS RUPESTRES DA REGIÃO DE IRAQUARA (CHAPADA DIAMANTINA, BAHIA, BRASIL)

1. Iraquara no contexto ambiental da Chapada Diamantina

O território do município de Iraquara encontra-se localizado em uma região de planalto serrano do Estado da Bahia, denominado Chapada Diamantina. Esta ocupa a porção central daquele estado desenvolvendo-se de leste para oeste a partir de aproximadamente 200 km do litoral até o vale do rio São Francisco, e de norte a sul, desde o curso superior do Rio Salitre até o vale do Rio de Contas. O território deste sistema orográfico alcança cerca de 100.000 km² o que significa praticamente 20% do estado baiano.

A Chapada Diamantina apresenta três feições principais de relevo: as superfícies semi-aplainadas do topo (de onde deriva o nome de chapada), as escarpas frontais e os alvéolos. O primeiro tipo de relevo corresponde a uma superfície estrutural, ainda do escudo cristalino brasileiro, conformando um verdadeiro planalto, que está percorrido por vales, de direções variadas, muito profundos com relação à superfície do topo. Estes vales adotam a forma de *canyons* estreitos (paredões verticais) por onde correm rios intermitentes com cachoeiras e altas quedas d'água. Na superfície dos topos observa-se a rocha aflorante com solos litólicos (CPRM, 1994: 21)

As escarpas frontais apresentam-se com dois perfis diferentes mas com relação de continuidade: as cornijas ou paredões rochosos e, sucedendo-lhes, os tálus. As cornijas têm uma declividade muito acentuada, sendo em alguns casos quase verticais com desníveis de 400 m. Os tálus possuem menor declividade, em torno de 45%, e são constituídos por blocos e matacões desprendidos dos paredões (CPRM, 1994: 22).

Os alvéolos constituem formas de vales que evoluíram alargando-se, conforme as possibilidades estruturais das formações, estabele-

cendo-se áreas de rebaixamento limitadas pelas escarpas dos relevos altos e planos (CPRM, 1994: 22).

Originalmente a Chapada Diamantina foi uma região deprimida em forma de bacia, sobre a qual foram depositando diferentes camadas sedimentares. Em diferentes períodos este conjunto estrutural foi submetido a uma tectônica de dobramentos e falhas, que provocou também sua elevação. Hoje esse planalto apresenta uma altitude média de 1000 m e alcança alturas máximas de 1850 m no Pico das Almas e 2050 m no Pico Barbados.

Na parte central da Chapada, que é a que nos ocupa, predomina um tipo de calcário, correspondente ao Grupo Bambuí, com ocorrência de rochas carbonáticas da formação Salitre. A formação de carst sob a estrutura do planalto provocou o rebaixamento do nível freático, havendo infiltração de água pelas camadas calcárias, em função da disposição destas e de suas fraturas. Como consequência deste fenômeno ocorre um relevo com depressões, grutas e cavernas calcárias.

A esta paisagem de conformação geomorfológica soma-se aquela derivada das condições climáticas. Existe uma variação paisagística em função das temperaturas e das precipitações anuais. Grande parte da Chapada encontra-se encerrada na isoietas de 600 mm anuais, existindo bolsões com índices menores, em função de ela própria atuar como barreira das frentes úmidas litorâneas. Por isto, a região oriental está beneficiada pelas precipitações do tipo orográfico, razão pela qual em algumas áreas, como a de Lençóis, pode alcançar até 1200 mm.

As temperaturas também variam, desta vez em função da altitude. As temperaturas médias anuais alcançam entre 18°C a 20°C. Em algumas áreas elevadas podem ser registradas temperaturas de 12°C no inverno e, em outras, temperaturas máximas superiores a 28°C, especialmente no norte da Chapada (SEI, 1997: 339).

Como consequência destas diferenças topográficas e climatológicas a paisagem floro-faunística apresenta também variações que vão do tipo semi-árido (caatinga) até de Floresta Estacional Decidual.

2. Particularidades de Iraquara

O município de Iraquara, localizado a 470 km de Salvador, tem como coordenadas geográficas 12° 15' S e 41° 37' W. A totalidade de sua área, de 922 km², está incluída no denominado "Polígono das Secas", ou

seja, com um clima variando de sub-úmido a semi-árido (pluviosidade média de 690 mm) e uma marcada sazonalidade pluviométrica. Ressaltamos que o problema da estiagem vem aumentando em todo o Nordeste, incluindo naturalmente a região de Iraquara. Por conseqüência o que hoje pode ser observado em termos ambientais, pode não estar refletindo o que efetivamente existia em épocas passadas (CAR, 1996:11)¹.

Um elemento que constitui o particularismo da paisagem de Iraquara é a existência de dolinas, únicas na região da Chapada. Este tipo de estruturas geológicas, ocorrentes nas formações de calcários, foi originado pelo afundamento de áreas que no subsolo têm cavernas erodidas nas rochas por cursos d'água. Em todo o território deste município pode-se contar com um número grande de dolinas, em cujas bases existem abrigos e onde tem início grutas e cavernas com ocorrência de estalactites e estalagmites nos salões e galerias. Este patrimônio espeleológico está sendo inventariado, tendo-se cadastrado até 1996 um total de 68 unidades espeleológicas (CARDOSO, 1996).

Uma profusão de cursos d'água subterrâneos, que continuam a atuar sobre o calcário, tem vinculação com a bacia hidrográfica superficial, composta, principalmente, pelo rio Santo Antônio (o mais importante), riacho d'Água Rega, riacho do Mel e o riacho do Cerco, todos eles insuficientes para manter cultivos de regadio. Outras drenagens de superfície são estreitas e de curta extensão, tendo duração apenas maior que o período de precipitações (CAR, 1996, 13).

Os solos predominantes correspondem aos tipos latossolo vermelho, litólicos distróficos e podzólico vermelho-amarelo, principalmente. Cada um deles com potencialidade diferente para a exploração econômica. No que se refere à ocorrência de material petrológico, além dos calcários já mencionados, existem arenitos ortoquartzíticos, siltitos e argilitos (SEI, 1997: 340).

Em função da falta de estudos sobre o paleo-ambiente, a flora e a fauna atual da região permitiriam levantar algumas inferências acerca dos recursos disponíveis dos grupos humanos pré-coloniais para a subsistência. Ademais, pode-se pensar neles como fonte de identificação de espécies nas representações rupestres, especificamente aquelas com zoomorfos.

¹ Diversos depoimentos de moradores locais apontam para uma transformação havida nas últimas duas décadas, provavelmente causadas pelo desmatamento. Muitos lembram a existência de pequenos cursos de água, hoje desaparecidos.

Primeiramente, cabe ressaltar a distinção imediata que pode ser observada entre os espaços territoriais constituídos pelos tabuleiros e aqueles formados pelos vales e fundos de dolinas. Efetivamente, a vegetação mantém-se viçosa durante mais tempo no transcurso do ano ao interno das dolinas, onde se concentra a maior quantidade de umidade, e em especial nas bocas das grutas, posto que pode existir, por capilaridade, contato direto com uma fonte d'água subterrânea. Nos campos em superfície aplainada, por sua vez, as espécies vegetais parecem se adaptar aos períodos longos de seca. Em função desta circunstância cabe pensar que o ambiente do interior das dolinas constituiriam locais ideais para a instalação humana, especialmente para grupos pequenos de caçadores-coletores.

Um quadro sintético da flora local inclui espécies que podem corresponder a ambientes de Cerrado, Caatinga, Floresta Estacional Decidual ou Semi-Decidual, tratando-se de espécies que evidentemente refletem variações de condições micro-ambientais, conforme levantamento realizado em 1996². Estes ambientes podem ter ocupado em diversas proporções a região, pelo menos no Holoceno mais recente.

3. Os abrigos e paredões de Iraquara como suportes das representações rupestres

Como fora dito, por causa da sua própria origem as grutas e cavernas têm entrada a partir do fundo das dolinas. Os abrigos formam-se também na base dos paredões calcários, em contato com solos lateríticos (em alguns casos cultivados). O cadastro de 68 unidades espeleológicas não representa a totalidade delas no município, posto que segundo informações dos moradores haveria outras em lugares de difícil acesso. Desse total registrado, até o momento 14 foram identificadas como locais com representações rupestres, entre eles os que aqui são apresentados: Santa Marta, Lapa do Sol, Torrinha I e Torrinha II.

No que se refere à dolina em que se encontram os abrigos de Santa Marta, cabe dizer que estes correspondem a duas grandes entradas de cavernas. Uma delas, muito alta, com profusão de espeleotemas e solo

² O levantamento foi realizado pela empresa de consultoria URPLAN para dar subsídios para a criação da Área de Proteção Ambiental Marimbus-Iraquara (URPLAN 1996).

de inclinação íngreme para o interior. Neste caso não existem motivos de representações rupestres. A unidade apresenta dois amplos setores abrigados, um deles também com blocos de estalactites e estalagmites. Novamente neste caso parece proposital não ter sido utilizado, a não ser na parte superior de um bloco de estalactite, imediatamente na entrada, onde há uma pintura pequena e um pouco desbotada. Nas paredes externas desta entrada, obviamente sem espeleotemas, aparecem algumas representações pintadas. O abrigo contíguo é amplo, com solo relativamente horizontal onde afloram alguns blocos rochosos, e o teto com inclinação para o interior. Um grande número de representações encontram-se nas paredes e no teto do abrigo.

A dolina onde se encontram os dois abrigos de Santa Marta conserva sua vegetação nativa, isto é não foi desmatada para cultivo, razão pela qual as pinturas estão bem conservadas. Porém, os prejuízos poderão advir de outro tipo de ação antrópica que já começa a ser percebida. A proximidade da estrada BA 122, que une Iraquara com a BR 242, por onde passa todo tipo de veículos, provoca vibrações nos tetos dos abrigos e não são previsíveis os danos que esta situação lhes poderá causar.

As muito conhecidas Lapa do Sol e Lapa Doce, por sua vez, correspondem a duas das entradas de um sistema de grutas e cavernas com vários quilômetros de extensão, abundantes em espeleotemas. A vegetação na dolina onde estas lapas se encontram mantém uma cobertura vegetal original razoavelmente bem conservada. Moradores próximos afirmam que até duas décadas atrás existia um córrego que corria meandroso na dolina, o que dava maior umidade e, conseqüentemente, mais viço à vegetação.

A Lapa do Sol é um grande abrigo, com teto baixo, visitado sem controle até tempos relativamente recentes e exposto, por isto, ao vandalismo. De fato, um grande número de inscrições tenta imitar motivos originais, utilizando carvão diretamente como giz e argilas vermelhas dos terrenos próximos.

É nesta lapa que se encontram alguns motivos diferentes daqueles dos outros sítios visitados. Referem-se a formas geométricas compostas por círculos concêntricos e divisões internas radiais, pintados em vermelho, branco e preto, que alguns pesquisadores deram em chamar “sois”. Alguns desses motivos têm associado, à maneira de apêndice, um outro elemento gráfico pintado em faixas o que provoca um aspecto de “cometa”, segundo a maneira de representação ocidental desses cor-

pos celestes. Cabe ressaltar que estes motivos têm sido já encontrados em outros locais da Bahia, especificamente na região de Central e Xique-Xique, pela Profa. Beltrão do Museu Nacional de Rio de Janeiro, e assim foram denominados (Beltrão, 2000: 89).

Conforme o registro dos sítios visitados, os suportes das representações rupestres são tanto as paredes do abrigo, nas suas partes externas e na interna, como no teto, quando este se apresenta baixo. No caso dos “sois” de Lapa do Sol uma plataforma no piso do abrigo, formada por uma base de estalagmite, poderia ter servido de ajuda no momento da pintura, para alcançar esse setor de teto.

As paredes de calcário dos abrigos e paredões estão constituídas por uma sucessão de camadas de argilitos e carbonatos, que se alternam, com coloração bem diferenciada, amarelada e acinzentada, respectivamente. A erosão natural de cada um desses estratos é diferenciada em função da resistência que é oferecida aos agentes erosivos, remarcando a distinção entre as camadas de argilitos e carbonatos, estes últimos um pouco mais resistentes. Desta forma, as camadas, de espessuras diversas, que variam entre 1 a 5 cm, imprimem aos paredões rochosos um sentido de horizontalidade visual, que pode chegar a ter condicionado a estruturação das pinturas. Efetivamente, é altamente significativo o fato de haver conjuntos de figuras, que se dispõem alinhadas seguindo a orientação das camadas ou acompanhando os painéis de rochas predominantemente horizontais, limitados por faixas das camadas mais erodidas. Em resumo, as linhas das camadas do suporte rochoso vertical teriam servido como uma espécie de fundo pautado para dispor os motivos horizontalmente.

Contrariamente, nos tetos dos abrigos, formados por grandes planos resultantes dos desprendimentos das camadas, não existe nenhum motivo que ostente um alinhamento de caráter longitudinal, tendo sido utilizado o grande espaço do teto com liberdade. As representações formam conjuntos isolados, normalmente várias figuras agrupadas, sem delimitação preferencial, e nos casos onde existem linhas de ponto, elas não adotam direções seguindo as camadas das paredes, mas evoluem em direções várias formando itinerários em curvas e cruzando-se entre elas.

Torrinha I e Torrinha II são dois locais com representações pintadas, situados de forma contígua, dentro de dolinas. O primeiro constitui um alto paredão (em função da dolina ser profunda) que está na entrada de uma gruta, de difícil acesso, onde corre um curso d'água, que

tem conexão com outro superficial, muito explorado turisticamente. As pinturas se concentram preferencialmente no alto e estão formadas por motivos pisciformes orientados com a cabeça para o lado da abertura da gruta. As figuras de peixes são pouco recorrentes na região e, pelo menos até o momento, não têm sido achadas em outro lugar de Iraquara³.

Em Torrinha II as pinturas estão distribuídas em um paredão do lado leste da dolina. Hoje o solo da superfície aberta desta dolina está utilizado para cultivo familiar de mandioca, abóbora, bananas, cana de açúcar e feijão. Aqui as pinturas estão bastante afetadas pelo escoamento de sedimentos argilosos vermelhos, fenômeno que vem ocorrendo devido ao desmatamento na parte superior da dolina, para cultivos. No caso de Torrinha II as representações são essencialmente zoomorfas grandes e geométricas simples como conjuntos de pontos, e traços paralelos verticais e horizontais. Ambos os tipos estão dispostos de forma a seguir à estrutura rochosa do paredão, ou seja, acompanhando a textura horizontal do mesmo.

4. Os motivos das representações rupestres e a localização nos sítios

As representações gráficas pintadas de Iraquara podem ser classificadas por sua linha temática em conjuntos de zoomorfos, de grafismos geométricos e de elementos de caráter antropomórfico. Os primeiros são os mais abundantes, encontrando-se nos quatro sítios visitados. Os geométricos seguem-lhes em frequência, localizados sobretudo nos tetos dos abrigos. Por último, são os antropomorfos os grafismos menos representados.

³ Cabe ressaltar que no local em que emerge o rio Pratinha há uma poça grande que, conforme informações de moradores, estaria interligada com o interior da gruta de Torrinha I. Nesse curso d'água que corre subterrânea e superficialmente existem peixes, provavelmente adaptados a ambientes internos (sem luz) e externos. Deve ser apontado como sintomático o fato das representações pisciformes estarem presentes na entrada desta gruta.

Conjuntos de motivos zoomorfos

São fileiras de animais de aproximadamente igual tamanho, colocados com uma mesma orientação. Os corpos são delineados por planos preenchidos, não havendo, por isto, distinção interna de partes constitutivas. Os quadrúpedes são numerosos em Lapa do Sol, Torrinha II e Santa Marta. Em vez, em Torrinha I os peixes são predominantes. Neste último caso, a pesar de existir certa linearidade, o conjunto de elementos pisciformes conformam uma mancha à maneira de cardume. Em Torrinha II é de fácil identificação de duas figuras de tamanduá, de grande tamanho, entre outros animais quadrúpedes. Em todos os casos, os traços das figuras aparentam ser pouco cuidadas.

Motivos geométricos

São figuras variadas, compostas, às vezes, por traços únicos verticais, que se repetem por longos trechos, orientados horizontalmente. Existe uma quantidade grande de elementos circulares, com divisões concêntricas e radiais, pintados em uma única tonalidade de vermelho.

Em Lapa do Sol existem figuras que poderiam ser classificadas como “sois” e outras como “cometas”, conforme uma terminologia já difundida, mas pouco fundamentada. De círculos concêntricos, surge uma espécie de “cauda”, à maneira das representações contemporâneas. O próprio nome da lapa deve-se a estas figuras, especialmente àquela que se encontra na parte central do teto da gruta. Aqui, a pintura se torna policroma, sendo utilizado o branco, vermelho e preto, em tonalidades netas e intensas.

Outras figuras geométricas são elementos retangulares, com divisões internas horizontais (tipo faixas), intercalando as cores vermelha, branca e preta. Também neste caso os retângulos são colocados alinhadamente, e têm proporções parecidas entre si. Os exemplares mais representativos deste tipo são os de Lapa do Sol.

Motivos antropomorfos

Existem elementos figurativos que evocam a figura completa de homens, sem muitos detalhes, representados com traços pouco cuida-

dos, pintados com os dedos. As figuras humanas podem não formar conjuntos, sendo as vezes representadas isoladamente ou combinadas com os outros elementos antropomorfos ou geométricos.

Há ainda alguns casos de antropomorfos com extremidades longas e contortas em Torrinha I e Lapa do Sol. Nelas as mãos aparecem desenhadas, com três ou quatro dedos, assim como a cabeça bem definida, com forma arredondada. Os traços destas figuras são bem nítidos e de coloração avermelhada.

Outros elementos parciais de figuras humanas são as mãos em positivo, em vermelho, com traços sem pintura que atravessam a palma ou acompanham o cumprimento dos dedos. Os traços parecem ter sido realizados pressionando um dedo ou um instrumento macio sobre a superfície da palma pintada, com a retirada da pintura em forma de linhas. As figuras de mãos foram executadas formando conjuntos, de forma isolada ou, então, acompanhando outros elementos, como os geométricos ou antropomorfos.

A distribuição das representações rupestres

Uma observação preliminar sobre as representações dos sítios mencionados acima permite pensar que as grutas no interior de dolinas da região de Iraquara, representam locais privilegiados para estabelecimento de grupos indígenas pré-coloniais: proteção, disponibilidade de água permanente, umidade por um período longo do ano consequentemente vegetação viçosa e recursos alimentares prolongados.

No que se refere às representações rupestres, elas se encontram em blocos e paredes calcárias e não em locais com predominância de estalactites e estalagmites. A constituição das paredes calcárias, em camadas, pode ter condicionado a disposição de certas composições, orientadas de forma a acompanhar a horizontalidade dos estratos de argilitos e carbonatos.

Os suportes rochosos correspondem a dois tipos: a) paredões, como os de Torrinha II e Torrinha I e b) abrigos profundos com passagem a grutas (como Lapa do Sol e Santa Marta), em que podem ser determinados suportes verticais (paredes) e suportes horizontais (teto). Nos abrigos, a localização dos motivos está vinculada, de forma acentuada, a um ou outro tipo de suporte. Efetivamente, há uma predominância de motivos geométricos (círculos concêntricos com elementos

radiais (os chamados “sois”) e linhas com sucessão de pontos) nos tetos, distribuídos amplamente por toda a superfície desde a entrada até o fundo. Por sua vez, os motivos zoomorfos e antropomorfos, assim como elementos puntiformes alinhados horizontalmente, ocupam as paredes, dispostos horizontalmente, de forma a acompanhar o relevo determinado pela natureza bicomponencial desses suportes. Conforme esta constatação, cabe pensar que houve uma intencionalidade no representar de grafismos pintados específicos para cada um dos suportes. Ademais as linhas dos relevos dos paredões induziram ou pelo menos condicionaram a organização horizontalizada das figuras.

BIBLIOGRAFIA

- BELTRÃO, M. (2000) – *Ensaio de Arqueologia*. Gráfica Editora. Rio de Janeiro.
- CAR (Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional) (1996) – *Plano de Desenvolvimento Municipal Sustentável de Iraquara*. Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia. Salvador.
- CARDOSO, J. A. (1996) – *Termos de Referência Zoneamento Ambiental, APA Marimbus-Iraquara (Relatório)*. CRA (Escritório Regional da Chapada Diamantina). Seabra. Digitalizado.
- CPRM (Companhia de Recursos Minerais) (1994) – *Parque Nacional da Chapada Diamantina. Informações básicas para a gestão do território*. Salvador.
- SEI (Superintendência de Estatísticas e Informações) (1997) – *Anuário Estatístico 1997*. Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia. Salvador.
- URPLAN (1996) – *Diagnóstico Ambiental para a determinação da Área de Proteção Ambiental (APA) Marimbu-Iraquara*. Digitalizado. Salvador.



FOTO 1 – Sítio Lapa do Sol
– Painel com motivos geométricos pautados pelas camadas do suporte.



FOTO 2 – Sítio Torrinha I
– Painel com motivos de peixe no alto do paredão da entrada da gruta.



FOTO 3 – Sítio Torrinha II – Paredão em que se encontram as pinturas rupestres.



FOTO 4 – Sítio Torrinha II – Painel com motivo zoomorfo, provavelmente um tamanduá.



FOTO 5 – Sítio Torrinha II – Pannel com zoomorfos quadrúpedes e elementos geométricos simples.



FOTO 6 – Sítio Torrinha II – Pannel com elementos geométricos simples acompanhando as camadas naturais da rocha.



FOTO 7 – Sítio Lapa do Sol – Motivo de círculos concêntricos e elementos radiais, “sol”, pintado no teto do abrigo.



FOTO 8 – Sítio da Lapa do Sol – Painel com motivos geométricos compostos e policromados, localizado próximo à entrada do abrigo.



FOTO 9 – Sítio da Lapa do Sol – Motivos antropomorfos com extremidades alongadas.



FOTO 10 – *Sítio da Lapa do Sol – Impressões de mãos retocadas com traços longitudinais e transversais.*